

ESTRABÃO E A GEOGRAFIA: UM ESTUDO SOBRE O AUTOR

Lucas Augusto Borlina (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Renata Lopes Biazotto
Venturini (Orientadora), e-mail: rlbv65@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas/Maringá,
PR.

História, História Antiga e Medieval

Palavras-chave: Estrabão, Cultura, Homero

Resumo:

Estrabão foi um intelectual do mundo grego oriental antigo. Nasceu na cidade de Amasia, antiga capital do reino do Ponto, quando esta já era dominada pelos Romanos, por volta do ano 60 a.C., e morreu aproximadamente no ano 24 da nossa Era, quando Roma já não era mais uma República, e já havia passado pelo governo do Imperador Otaviano Augusto. Nenhuma fonte contemporânea, que não seja sua própria obra, testemunha sua existência. Tudo o que sabemos a respeito de Estrabão tem origem da sua *Geografia*, um conjunto de 17 livros onde é descrito todo o *oikoumenê*, o mundo conhecido. Por não serem o foco da obra, essas informações, que são poucas e esporádicas nos dão, as vezes, certezas, bem como o local de nascimento, viagens feitas, autores consultados, e em alguns casos, somente a possibilidade de conjecturar essas informações para se chegar a conclusões nem tão precisas. Por isso mesmo, nosso geógrafo é até hoje uma figura controversa: os pesquisadores, embora concordem em alguns pontos, não entram em acordo a respeito de questões como a data e o método de composição da obra, as intenções do autor, a sua visão do mundo não greco-romano, e a sua postura diante do Império e de Otaviano Augusto. Portanto, esta pesquisa foi motivada pelo interesse na constituição de um retrato do autor. Para tal, ela buscou, além dos três primeiros livros da *Geografia*, apoio na bibliografia especializada, no estudo do contexto do autor, e na leitura de um intelectual importante, o poeta Homero.

Introdução:

A presente pesquisa tem como objetivo estudar Estrabão, um intelectual do mundo Grego oriental antigo. Foi o autor de, pelo menos, duas obras, a *Geografia* e os *Comentários Históricos*. Da primeira, um conjunto de 17 livros, temos acesso quase total. Da segunda, no entanto, nos resta apenas fragmentos citados por outros autores posteriores.

Além de sua própria obra, nenhuma outra testemunha contemporânea o menciona, de maneira que todas as informações possuídas a respeito de

Estrabão são extraídas de seus livros, que, por não serem o foco, uma vez que é um tratado geográfico, acabam sendo raras e dependem do contexto. O resultado disso é que sabemos muito pouco a respeito do geógrafo, que se torna uma figura obscura. E a falta de informação precisa a seu respeito torna a leitura e o tratamento da obra mais problemático.

Pretendeu-se, portanto, estudar Estrabão a partir dos meios existentes, que, embora escassos, ajudam a lançar certa luz sobre o tema. Devido a uma relação que o geógrafo possui com Homero, os poemas da *Ilíada* e da *Odisseia* fizeram parte da pesquisa, além do estudo do contexto em que as obras foram produzidas, data que tomamos como mais provável os anos entre 18 e 24 da nossa Era, conforme proposta de Daniela Dueck (2000). E, evidentemente, estudamos, também a *Geografia*, através de seus três primeiros livros: os dois primeiros porque Estrabão faz uma introdução onde dialoga com outros geógrafos, apresenta conceitos da geografia, e fala sobre sua obra; o terceiro, pois é a descrição de uma região, a Península Ibérica, onde podemos ver aplicados os preceitos do autor.

Materiais e métodos:

O método operante nesta pesquisa foi aquilo que o historiador italiano Carlo Ginzburg chamou de *paradigma indiciário*. Trata-se, acima de tudo, de um procedimento de investigação pouco rígido e pouco teorizado. Toma como base o contato do investigador com seu objeto a partir de um ou mais pontos de observação privilegiado que permite-o, através de um processo racional e também intuitivo, conhecer uma extensão de seu objeto que não se apresenta ao pesquisador.

Para entender melhor, comparemos este método com o trabalho de um detetive. Ele não assiste a cena do crime que tem de investigar, mas, mesmo assim, tem como trabalho reconstruí-la na medida do possível, para poder atribuir os papéis de vítima, culpado, local e eventuais instrumentos utilizados. Para tal, o investigador segue pistas, deixadas de maneiras involuntárias: um fio de cabelo, uma digital, um objeto esquecido, analisa horários, interroga suspeitos, enfim, busca um conjunto de coisas que o permite conhecer o que não conhece por não ter sido ele próprio uma testemunha.

O historiador, por definição, está sujeito a trabalhar em condições similares: não assistiu os fenômenos e problemas que pretende conhecer e resolver. Pode conhecê-los apenas por meio de pistas, de testemunhas, que foram produzidas não para serem analisadas por um historiador, mas sim para serem usadas na ocasião da sua produção, e por isso mesmo, revelam uma realidade. Um romance que conta uma simples história, por exemplo, pode nos revelar sobre os usos e costumes de uma sociedade, a maneira pela qual as pessoas se relacionavam umas com as outras, e uma outra infinidade de coisas. Ou seja, essas testemunhas, quando interrogadas pelo historiador, podem revelar-lhe uma realidade que está além da superfície.

Para Ginzburg (1991), a ideia que constitui o ponto essencial desse paradigma é a existência de zonas privilegiadas – sinais, indícios – que

permitem tornar decifrável uma realidade que se apresenta de maneira opaca. Estes indícios, tendo sido produzidos de maneira involuntária para serem utilizados em seu próprio contexto, acabam por ficarem carregados de significado. Decifrar este significado é o objetivo do historiador que se propõe a seguir o *paradigma indiciário*.

Este meio de se pensar a operação da pesquisa foi o que esteve na base da constituição do nosso corpus documental. Parindo de um indício deixado pelo próprio Estrabão, chegamos em Homero: o geógrafo, saindo em defesa das qualidades intelectuais do poeta, diz que as cidades dos Gregos educam as crianças pela poesia (L. I. 2, 3), podemos acreditar que o próprio Estrabão, nascido em uma cidade helenizada, entusiasta da cultura grega e de Homero, tenha sido educado desta maneira. Logo, entendemos a poesia, especialmente a homérica, como chave da sua formação intelectual.

Resultados e Discussão:

O contexto no qual Estrabão viveu foi o do fim da República Romana, quando o Senado deixa de ser uma força soberana e hegemônica, e vemos o poder ser concentrado nas mãos do *princeps* Otaviano Augusto. O acontecimento se deu com o fim das Guerras Civis, um longo processo em que generais passaram a comandar exércitos e disputar o poder. Além das guerras internas, neste mesmo período Roma esteve diante de outros problemas: rebeliões de escravo, banditismo, piratas no Mediterrâneo, problemas militares em determinadas regiões, bem como o Reino do Ponto, local de origem de Estrabão, onde se enfrentava o poder Romano no mundo Grego. Enfim, Roma passou por longos anos difíceis.

Em 27 a.C., Augusto derrota todos os generais que disputavam o poder, e concentra para si uma série de títulos, funções, riquezas, exércitos e prestígio, e assume como Imperador. A bibliografia especializada concorda que se tem início em Roma anos de paz e prosperidade, com o florescimento das artes e da ciência. São desta época poetas como Horácio e Virgílio. É sabido que neste momento o Imperador investiu na criação de um aparato ideológico de seu regime, representados pela *Ara Pacis* e suas *Res Gestae*, por exemplo. Estrabão, na *Geografia*, ecoa parte desta ideologia da fundação de uma nova Era pacífica e próspera (L. VI. 4. 2). É comum que se pense, então, que Estrabão tenha sido um entusiasta do Principado, uma vez que esteja inserido neste contexto e ecoe da ideologia.

No entanto, a partir do momento em que o estudo se voltou para compreender a formação da personalidade de Estrabão, encontramos indícios que relativizaram a ligação do autor com um discurso apologético, e o aproximaram de um intelectual, cuja formação moral e intelectual o conduziram a compreender o seu mundo da maneira pela qual expõe. O primeiro indício é o fato de que os elogios ao Principado são esporádicos e ligados a determinados contextos. O segundo é que nem sempre o autor é favorável a Roma: denuncia a corrupção dos costumes e tem os Gregos em muito mais alta conta. O terceiro veio da leitura de Homero.

Sabemos, pelo próprio Estrabão, que o poeta foi um grande sábio, homem que realizou muitas viagens, conheceu muitos lugares, fundou os estudos empíricos da geografia, soube muito de diversos assuntos, como política, guerra, agricultura e retórica, além de ter a clara intenção de, através de seus poemas, instruir sua audiência. Sabemos, também, que Estrabão teve contato com o poeta desde sua infância, e que ele era usado pelos Gregos para a educação, além de que alguns de seus mestres estudavam Homero (DUECK, 2000). Mais importante ainda, que até o momento em que escreveu sua obra, aproximadamente 80 anos após ter nascido, ainda usou Homero como principal referência.

Tendo em mente a importância de Homero e a sua vontade pedagógica, podemos considerar que os versos tenham sido entendidos por Estrabão como carregados de sentido. Tomemos esta passagem da *Ilíada*, como uma possível alegoria em prol da monarquia:

“Não penses que, aqui, nós Aqueus, somos todos reis” /
Não é bom serem todos a mandar; / um é o rei, a quem
deu o Crônida de retorcidos conselhos / o cetro e o direito
de legislar, para que decida por todos.” (HOMERO, II. 202
– 206, 2013).

Conclusões:

Concluimos, portanto, que as posições que Estrabão possui e expressa na *Geografia* tendem a ter sua origem em sua própria formação moral e intelectual, e não de uma relação de afeição pessoal. Logo, a *Geografia* se nos apresenta como um tratado científico em que são expressas opiniões políticas, mas em que estas não são predominantes, e afastam a obra de ser um discurso apologético.

Agradecimentos:

Agradeço à Fundação Araucária, à minha orientadora e ao meu professor de Grego.

Referências:

DUECK, Daniela. **Strabo of Amasia: A Greek man of letter in Augustan Rome**. New York: Routledge, 2000.

ESTRABÓN. **Libro I y II**. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

ESTRABÓN. **Libro III y IV**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

GINZBURG. Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.